

O LUGAR DE MEMÓRIA E A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA: UMA ANÁLISE DO CONTO *O CORTEIRO*, DE SALMAN RUSHDIE

THE PLACE OF MEMORY AND THE CONSTITUTION OF IDENTITY : A N ANALYSIS OF THE TALE *THE COURTER*, BY SALMAN RUSHDIE

Recebido: 18/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2834

Vitor Martins Vilela¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8813-6708>

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo apresentar o conto *O Corteiro*, de Salman Rushdie como lugar de memória e ainda, discutir como a literatura desse autor indiano, de maneira geral, pode ser entendida como tal. Além disso, será discutida a importância de se entender a literatura do autor como capaz de criar lugares de memória frente aos deslocamentos de identidade percebidos atualmente. No caso do conto em estudo, o escritor dá voz a um narrador personagem que se vale de suas memórias coletivas e individuais para evocar lembranças de um passado como imigrante em Londres. As análises se valerão de inferências textuais que levam à compreensão dessa narrativa como um lugar de memória, que resvalam nos aspectos identitários dos personagens. Para auxiliar neste entendimento as bases teóricas escolhidas foram, principalmente, os estudos de Halbwachs (1990) e sua compreensão de memórias coletivas, e as noções de Nora (1993) sobre a questão do lugar da memória. Ademais, os estudos de Hall (2006) e Said (1990) no que contempla os aspectos das construções identitárias serão analisados.

Palavras-chave: Identidade; Lugar de memória; Memória individual; Memória coletiva;

Abstract: The goal of this work is to present the tale *The Courter* by Salman Rushdie as a place of memory, and discuss how the literature of this Indian writer, as general, can be understood as such. In the perspective of the studied tale, the writer gives voice to a character that based on his group and individual memories brings his past experiences as an immigrant in London. The analysis will take into consideration textual inferences that takes to a comprehension of this narrative as a place of memory. The basis theories chosen to assist this understanding was mainly the studies of Halbwachs (1990) and his book *Collective Memory* and the definitions of Nora (1993) about the theme, place of memory. Furthermore, the studies of Hall (2006) and Said (1990) about building identities will be considered.

Keywords: Identity; memory; place of memory; individual memory; collective memory;

Introdução

Durante a palestra de abertura no evento Fronteiras do Pensamento, na cidade de Porto Alegre em 2014 e segundo reportagem publicada no *website* Nonada (2014), Salman Rushdie teria afirmado que:

O homem cria grandes narrativas e elas se tornam parte central da formação da identidade tanto do indivíduo, quanto de uma nação. Elas se tornam memória, se tornam parte da cultura e, por fim, se tornam a nossa história.

¹ Graduado do Curso de Letras habilitação em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPLET) da UFU, linha de pesquisa: Literatura, memória e identidades. E-mail: vitorvilela.m@gmail.com

O autor é indiano nascido em 1947, no mesmo ano que o país se tornou independente da Inglaterra. As lembranças de sua infância vivida na Índia até os 12 anos e sua mudança para a Inglaterra resvalam em suas narrativas e trazem suas memórias as quais são contadas por meio da ficção. Rushdie é conhecido por escrever sobre sujeitos, que estão situados entre lugares e em ambientes multiculturais. Outrossim sua narrativa traz elementos intertextuais que podem se referir tanto ao tempo histórico do presente e do passado. O autor faz uma literatura ficcional, mas que se vale de fatos históricos, dessa forma ele conta histórias de indivíduos e grupos sociais por intermédio das mais diversas lembranças.

Sobre isso é interessante notar a diferença entre: o fazer textos literários e fazer textos de cunho histórico. O primeiro se vale de uma perspectiva mais dinâmica e criativa, permitindo fazer uma literatura flexível que pode desvendar por meio de sua licença criativa, possíveis desvios e silêncios dentro de uma produção historiográfica. Nessa lógica, a literatura não faz uso da totalidade narrativa, diferentemente da historiografia, que é narrada de forma mais precisa, se preocupando com aspectos tais como, quando e onde ocorreram os fatos de maneira pontual. Segundo Rushdie, em reportagem do website Nonada (2014):

A história é formada por grandes narrativas. É nesse sentido que muitas vezes a literatura tem a função de esclarecer passagens conturbadas da História. Seria preciso, pois, lutar contra os poderosos que controlam a história para esclarecer momentos ofuscados trágicos causados por governos – muitas vezes ditatoriais.

Quando se trata de Rushdie é importante ressaltar que ele é um autor de grande relevância para os estudos da pós-modernidade. Nessa perspectiva, falar em textos totais nos remete a um conceito trazido por Lyotard (1993), que nos indica que as narrativas anteriores, ou modernas, já não comportam mais a narrativa total. Contrário a isso é preciso dar vazão ao diferente, e por isso, ela deve ser reinventada. Conforme se percebe nos textos de Salman Rushdie, a narrativa se destoa dessa totalidade e encara o processo criativo da literatura. Tal método dá lugar a voz de grupos que muitas vezes foram silenciados ou inseridos na história de maneira simplista ou pejorativa, por isso cabe ao discurso literário,

trazer à tona não só leituras compartilhadas do real (no sentido de aceitas como verdadeiras em um dado recorte temporal, espacial, e social), como fazer emergir o imaginável, o possível e o impossível da 'realidade', pois por ser inconcebível em sua totalidade, a dúvida e a certeza habitam. (RAMOS, 2011, p.96)

Dentro deste contexto as questões de identidade são tratadas na obra de Rushdie, nota-se que parte de seus personagens não mostram totalidade e rigidez perante as suas personalidades advindas de diversas culturas. Nesse sentido Hall (2006) questiona se é possível ter um sentimento de identidade coerente e global. Segundo o autor as confrontações globais e culturais questionam sempre a identidade e demonstram novas posições de identidade considerando a globalização e sua miscigenação cultural.

Diante de identidades deslocadas Salman tenta, por meio dos seus escritos, valorizá-las. Para isso, ele coloca o discurso literário e os fatos históricos em narrativas que ganham força para confrontar uma totalidade e preservar memórias. Paul Zumthor (1987) discute a força da voz poética e nos alerta que escrever um conto reforça as funções de proteção de um grupo para que ele não se desfaça. Portanto, Rushdie usa a força de sua voz poética para ressaltar que as culturas e suas formações identitárias estão cada vez mais misturadas, sendo importante entender essa situação para a preservação de identidades e culturas diversas, e assim, trazer a literatura para um âmbito de discussão e reflexão. Assim, buscando interpretá-la como meio de suporte de memórias, ou seja, mantendo e preservando o que não deveria ser esquecido.

Como exemplo de obras do autor que discutem as visões retratadas acima, são válidos os seguintes destaques: *Os filhos da meia noite* (1981), neste livro o protagonista Salim Sinai nasce à meia-noite do dia 15 de agosto de 1947 momento em que a Índia se torna independente da Inglaterra, Salim e todos os outros indianos nascidos neste mesmo dia desenvolvem poderes que os permitem dizer algo sobre os acontecimentos políticos e culturais da Índia; outro livro é *Vergonha* (1983) que narra a história do surgimento do Paquistão sob o sentimento da vergonha, evidenciando os jogos de poder político por detrás dos acontecimentos; uma outra obra é *Os Versos Satânicos* (1987) este que lhe rendeu uma condenação à morte, chamada de *Fatwa* pelos islâmicos, pois foi acusado de cometer blasfêmia contra o islamismo, neste livro dois indianos se metamorfoseiam, um em diabo e o outro em anjo, após a queda de um avião em Londres devido a um atentado terrorista, um deles quer abraçar a nova cultura e o outro quer se manter fiel a cultura de sua origem; por

fim o livro *Ocidente, Oriente* (2011) que reúne nove contos de cunho social e político, sendo um deles, *O Corteiro, que é* objeto de análise deste estudo, conta as memórias de um imigrante que se deslocou para Londres com a sua família quando ele ainda era pré-adolescente.

Segundo Nonada (2014), muitos autores inclinam-se a escrever sobre o seu espaço e o seu tempo e tentam entender como eles são determinantes no desenho dos seus personagens. Os livros citados anteriormente, podem indicar que o autor de fato se preocupa com os acontecimentos históricos e sociais para fazer a sua literatura. Nesse sentido, o papel das lembranças sobre acontecimentos reais pode determinar o rumo ficcional das histórias. Deve-se ter claro que a relação com a literatura nessas obras se concretiza pelo lado ficcional e o lado não ficcional, munidos de um potencial aliado, que são as lembranças da vida escritor. O conto em análise, por exemplo, é uma obra na qual as lembranças de um período de sua adolescência, o momento em que imigrou para a Inglaterra aos 12 anos, vem à tona. Salman Rushdie faz o uso do poder inventivo da literatura para ir além deste momento de forma pontual e assim, trazer as reflexões as quais veremos a seguir.

O lugar de memória em O Corteiro

O conto começa com um jovem adulto migrante contando como surgiu a sua decisão de escrever a sua história como imigrante em Londres. Ele conta que recebeu uma carta de Mary, a *aya* da família, com notícias de que ela havia sofrido uma operação e precisava de dinheiro. Logo depois, recebeu outra carta, mas agora assinada pela sobrinha e que apresentava a mesma letra de antes, confirmando que, quem sempre escrevera fora mesmo a sobrinha e não a *aya*. Nessa carta, a sobrinha agradece e diz como Mary ficou feliz em receber notícias dele. Ela ainda declarou que o considerava como parte da família, pois sempre escutava histórias a seu respeito. Foi nesse momento que o protagonista resolveu escrever as suas memórias.

Portanto, as lembranças do narrador estão surgindo e ele sente a necessidade de registrá-las por meio da escrita. Segundo Ricoeur (2014) lembrar é não somente acolher, receber imagens do passado, como também buscar ‘fazer’ alguma coisa com elas. Deve-se, por isso, trabalhar com essas lembranças para que se tornem memórias e não sejam esquecidas. Ainda segundo Ricoeur (2014) o verbo *lembrar* remonta ao fato de que a memória é exercitada; segundo Bergson (1940 apud Ricoeur, 2014, p,71) isto é chamado de esforço da memória.

Nessa lógica o narrador de *O Corteiro* se esforça para contar a sua história. Durante o percurso de suas aventuras ele percebe os atos afetivos, as inquietações e conflitos que o levam a se encontrar dentro e ao mesmo tempo fora daquele lugar; características de uma identidade deslocada que passa por enfrentamentos e que fazem parte de suas lembranças. Acontecimentos que abordam a constituição da sua identidade são frequentemente retomados em sua contação, o que mostra a importância desse tema para a questão dos movimentos globais de deslocamentos de imigrantes. Por exemplo, no texto a relevância de se obter um passaporte e momentos de reflexão sobre ser um adolescente alheio aos costumes aos quais ele está naquele momento vivenciando, mostram um indivíduo que é múltiplo e estranho ao lugar. Veja:

Meu passaporte indiano me permitia viajar somente para um número muito pequeno de países, os quais eram meticulosamente alistados na segunda página ímpar. Mas em breve um passaporte britânico, e então, de qualquer maneira, iria me livrar dele. (RUSHDIE 1995, p.150)

No rádio, as pessoas sempre cantando sobre as alegrias de se ter dezesseis anos de idade. Eu me perguntado onde estavam eles, todos aqueles meninos e meninas de minha idade vivendo o melhor da vida deles. Estavam viajando para a América do norte em seus conversíveis StudeBaker? Com certeza não estavam na minha vizinhança. (RUSHDIE 1995, p. 175)

A escrita surge como registro de memórias, estes apontamentos são apresentados nas entrelinhas da narrativa. A narração traz, por exemplo, a situação dos imigrantes, suas identidades, embates linguísticos e políticos. O contar dessas histórias é o registro escrito dos acontecimentos por meio do fazer literário ficcional. Este que poderá ser percebido como um criador de lugares de memórias, os quais surgem para frear o esquecimento contra as hostilidades que estes personagens migrantes passaram e desse modo, manter aceso o reforço sobre as identidades de um grupo de origem Oriental em terras Ocidentais Europeias.

Nessa perspectiva Rushdie coaduna com as observações sobre Oriente e Ocidente retratadas no livro *Orientalismo* de Said (1990) em que ele tenta mostrar que a identidade Europeia ganha força frente as identidades orientais, as quais são vistas como substitutas e clandestinas. Como exemplo disso, observamos a cena a qual Mary assiste ao noticiário sobre imigrantes, neste momento registra-se o seu sentimento e também, como funcionava o comportamento da mídia naquela época,

1960. Também mostrava como era a sua visão midiática sobre a cultura Oriental imigrante que se instalava na Inglaterra.

Mais tarde, no noticiário, um ladino Inglês de bigode fino e olhos de louco anunciou uma advertência contra imigrantes, e Mary-Certamente agitou a mão na direção do aparelho:

– Kahli-pili bom marta – objetou, e depois, para o benefício do anfitrião, traduziu: For nada ele está gritando. Vida Madrasta! Desliga. (RUSHDIE, 2011, p. 139)

Mary tem uma reação de desgosto pelo que está sendo noticiado, ela se comporta com indignação. Percebemos que o motivo de sua explosão está conectada com a maneira com que a mídia trata as pessoas que ela se identifica, os imigrantes. As memórias em torno da cultura migrante vão sendo construídas pela produção midiática de uma maneira negativa podendo acarretar em esquecimento e apagamento de suas identidades e ainda o não reconhecimento de suas histórias e os reais motivos pelos quais esses indivíduos estão vivendo em outro país. Ao colocar ações como essas em sua narrativa, Rushdie logra em falar através da literatura, pois registra o que acontece e mostra como se dá o esquecimento de aspectos importantes da vida desses grupos.

Episódios assim vão de encontro com os estudos de Pierre Nora (1993), os quais indicam a existência de um esfacelamento das memórias e a tradição de passar conhecimentos adiante. Há o fim das sociedades e as memórias que asseguravam a transmissão dos valores das igrejas ou escolas, família ou estado, alcançando a película efêmera da atualidade. Esta última se mostra frágil no tocante à manutenção da memória, pois na contemporaneidade presta-se muito mais atenção ao presente e as atribuições do dia a dia, resultando em seu esquecimento, e concretizando, portanto, a necessidade de atribuir lugares para as memórias.

Para Nora (1993) se a nossa memória ainda fosse habitada, não precisaríamos lhe consagrar lugares. No entanto, não se habita mais a memória como antes, pois não se pratica e não se fala dela comumente durante a rotina do dia a dia; ela se coloca como esquecida e precisa de um lugar. A literatura surge como uma possibilidade de dar a ela esse lugar, ou melhor, de lhe oferecer um lugar de memória.

O conto em questão pode ser entendido como um lugar de memória visto que narrador decide pela escrita da sua história e a coloca em um lugar de não

esquecimento. Ele resolve dar vazão aos sentimentos e por intermédio da contação faz com que os fatos que lhe ocorreram sejam notados. Nesta posição ele narra seus estranhamentos e dificuldades individuais e coletivas. Ele conta as histórias e por isso, se torna o historiador de si mesmo; ele se constitui como sujeito, retoma o lugar de sua identidade deslocada para fazer surgir alguém que pertence a um grupo.

Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. Não há mais nenhuma família na qual pelo menos um membro não se tenha recentemente lançado à reconstituição mais completa possível das existências furtivas de onde a sua emergiu. (NORA, 1993, p. 17)

Cabe ressaltar que a experiência é fator importante e essencial no processo de constituição do sujeito e do grupo. Ela geralmente é associada a fatos passados e não existem experiências que sejam isoladamente construídas. Halbwachs (1990) associa a construção de memórias com fatos que acontecem também no presente, para ele a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda do que ocorre no presente.

Assim sendo, o narrador vive situações correntes que o fazem perceber a necessidade de escrever as suas memórias. Dois momentos que atestam esse fato são: a questão dele retomar a ideia que está exilado naquele país, e o outro pelo fato de ter recebido cartas escritas recentemente com informações sobre o estado de saúde e condições financeiras de Mary, veja:

Esta mensagem de uma estranha íntima chegou até mim em exílio forçado do adorável país de meu nascimento e me comoveu, remexendo em coisas que estavam enterradas lá no fundo. (RUSHDIE, p. 131)

Portanto, o recebimento das cartas, ocorridas no tempo presente, foram o ponto de partida para que o narrador retomasse as suas lembranças e decidisse por escrevê-las, as trazendo como um lugar de memória para fatos que aconteceram com ele individualmente, mas que resvalam nas aspirações dos imigrantes como coletividade.

Memória coletiva e individual em O Corteiro

Os livros e os registros escritos, de forma geral, servem como bom suporte para manter as memórias e as transformarem em um lugar de memória. No entanto, de acordo com Nora (1993) para funcionarem como lugares de memórias, esses devem ter a vontade de memória, e se ela não existir, haverá somente um simples histórico de memórias. Além disso, os lugares de memórias devem ser simbólicos, devem dar vazão por meio de sua intenção a algo que acabe por acessar a memória coletiva.

Vejam os o calendário revolucionário Francês: “ele deveria fornecer os quadros *a priori* de toda a memória possível e enquanto revolucionário, ele se proporia, por sua nomenclatura e simbologia, a ‘abrir um novo livro para a história’”. (NORA, 1993, p.22). A intenção deste objeto seria justamente proporcionar reflexões para o fazer de uma nova história. Isso o “constitui ainda mais como lugar de memória”, pois “o lugar de memória só vive da sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.”

Assim sendo, Nora (1993) afirma que nem todo objeto é digno de lembranças. Nesse sentido, nem mesmo os livros podem se tornar lugares de memória se com eles não existirem uma intenção. A história contada em *O Corteiro* e na maioria dos textos de Rushdie perpassam uma ideia de lugar de memória por terem essa intenção. Os seus textos levam consigo a vontade de dar voz à interpretação e a questionamentos. Além disso, com o passar do tempo as obras do autor poderão ser revisitadas e considerando o seu caráter ficcional que mistura acontecimentos e histórias reais, as obras trazem o poder de se metamorfosear conforme apontou Nora. Elas mudam de acordo com o tempo em que vivem e não perdem sua validade como objetos de lugar de memória. Elas não são obras que serão relegadas a um registro simples e historiográfico, pois trazem consigo as lembranças com intenção de memória. Ademais, elas carregam as memórias de uma sociedade, sejam elas individuais ou coletivas.

Para complementar as noções de memórias individuais e memórias coletivas, é válido contextualizá-las e assim chegar a uma noção de como essas memórias, que são intimamente conectadas, também pedem um lugar de memória e estão presentes na narrativa do conto estudado.

Para dar suporte a esta análise, será necessário explicar o conceito de memória individual e coletiva em consonância com Halbwachs, um sociólogo que teve como centro dos seus estudos as relações da memória e da sociedade. Duvignaud (1990) comenta que, segundo Halbwachs, o ato de recordar não ocorre

exclusivamente por meio do sujeito individual, pois ele sempre mantém uma relação com o outro. O sujeito, quando recorda, recorre às suas memórias, mas nunca está sozinho nesse processo. Dessa maneira,

a consciência não está jamais fechada em si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. (DUVIGNAUD, p. 14, 1990)

Portanto, a consciência não se dá de forma individual, uma vez que existe um grupo ou uma sucessão de eventos sociais que corroboram para sua existência. Dessa forma, o social se confunde com o consciente e são os eventos de um grupo que desencadeiam as memórias de um indivíduo. No conto, percebe-se esse aspecto no momento em que narrador cita a sua vontade de escrever a história da *aya* e, logo em seguida ele entende que a história não é somente dele, mas de todos. No percurso da narração se torna claro que a história não poderia ser entendida somente sob o ponto de vista do narrador personagem, uma vez que outras histórias se entrelaçam para formar a dele e a de todos os envolvidos. Observe:

Por alguma razão, tornou-se mais importante do que nunca escrever a história que carreguei comigo não escrita por tanto tempo, a história da *aya* e do homem bondoso a quem ela deu um novo nome – com tons não intencionais, mas proféticos de romance – ‘o corteiro’. Compreendo agora que não é apenas as histórias deles, mas a nossa, a minha, também. (RUSHDIE, 2011, p. 131)

Segundo Halbwachs (1990) as lembranças permanecem coletivas mesmo em experiências as quais se está sozinho no momento em que se dão. A verdade é que nunca se está só e isso acontece porque o indivíduo se reconhece como pertencente a um grupo. As lembranças, por mais individuais que possam parecer, carecem do reconhecimento do outro de forma que somente assim ela será válida. Segundo Candau (2012 apud KLUG et al. 2015) a memória constitui a sociedade, a identidade individual e coletiva, e a vida social. A memória tem lugar de destaque para transmitir saberes, crenças, e tradições, e que as lembranças individuais devem ser validadas por outros.

Portanto, as lembranças do narrador levam em conta o pertencimento a um grupo, no caso em epígrafe o grupo de imigrantes, permeando as suas recordações individuais, mas que contam com a participação de todos os pertencentes a esse grupo. Nesse sentido, a narrativa se desenrola em meio a várias cenas do passado e tomam por base a participação coletiva de todos os envolvidos para dar um suporte e afirmar a veracidade das ações passadas. Para provar esse fato retoma-se ao início do conto quando ele precisou dar atenção a uma outra voz, a da sobrinha que escrevia por Mary. O fato dela ter interferido na história da tia e o ter reconhecido como alguém da família, confirma a participação do outro como fator determinante não somente para que sua decisão de narrar os fatos ocorresse, mas também para que tudo aquilo que ele fosse contar se tornasse válido de alguma maneira. Veja abaixo o momento de sua decisão intermediada por uma hesitação em escrever ou não:

Há anos, venho querendo escrever a história de Mary-Certamente, nossa ayah, a mulher que fez tanto quanto minha mãe para criar minhas irmãs e a mim, e sua grande aventura com o seu corteiro de Londres, onde nós todos vivemos por um período dos anos 60 num bloco de apartamentos chamado Waverly House; mas por causa de uma e outra coisa nunca me convenci a fazê-lo (RUSHDIE, 2010, p. 130)

Percebe-se que o narrador diz que havia algum tempo que queria expressar por meio da escrita os sentimentos vividos naquele momento de sua vida, mas por uma razão ou outra nunca foi convencido de fazê-lo. É interessante notar que, todos os personagens citados neste parágrafo são do mesmo grupo constituído de imigrantes que estão em Londres e passam por experiências semelhantes. Benjamin (1997 apud RAMOS, 2011, p. 103) reconhece a experiência como matéria de tradição, seja ela individual ou coletiva, assim ela agrega na memória tanto o passado coletivo quanto o individual, e entende que se vive em momento histórico no qual o indivíduo assiste a um esfacelamento da experiência coletiva, o tornando, por isso, mais isolado. Segundo Benjamin (1997 apud RAMOS, 2011, p.103) “Onde há experiência no estrito do termo, entram em conjunção na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo.”

Passa a existir uma preocupação em narrar as memórias, e isso poderá afastar o narrador do esfacelamento da experiência coletiva citado por Benjamin, uma vez que ele parecia estar isolado dos outros e do seu passado por viver com

intensidade o seu presente. No entanto, ele desperta para a importância do ato de registrar os acontecimentos mesmo que não entendesse muito bem os motivos pelos quais ainda não havia escrito aquela história. O ato de escrevê-la o colocaria em um lugar de aproximação de suas próprias memórias e as de todos os outros.

Pode-se inferir que o narrador percebe que o distanciamento com a sua história, culturas e identidades é uma realidade, que com o passar do tempo as lembranças vão se desfazendo, e os fatos rememorados vão sendo esquecidos por interferência dos acontecimentos presentes do dia a dia, tão efêmeros. Por isso, surge a necessidade de se ter locais de memória para dar conta de seu armazenamento e sua manutenção. Nesse cenário, esses locais buscam preservar a tradição cultural e social de um grupo que poderá ser esquecida ou esfacelada visto os acontecimentos globais de homogeneização cultural como colocado por Hall (2006) que ainda afirma que a globalização produz um efeito pluralizante nas identidades produzindo uma variedade de possibilidades. O autor afirma que,

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de "Tradição", tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou "puras"; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Rohins (seguindo Homi Bhabha) chama de "Tradução" (HALL, 2006, p. 87)

A tradução "descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal." (HALL, 2006, p. 88). Percebe-se que o narrador está envolvido tanto na tradução, como também na tradição, ao entrar em conflito com as percepções de sua própria identidade e a dos outros personagens da história. Cabe entender que, o lugar de memória em que o texto narrado se situa reforça a dualidade de um narrador que busca a tradição, com vistas a preservar suas origens, mas que aceita a tradução de sua cultura cabendo a ele a consciência de tudo que se passa com ele, a *aya*, o corteiro e a família.

O narrador, então, rememora aquele período de sua vida e a escreve, firmando um compromisso de registro de memórias e pretende mostrar as suas experiências em uma Londres que recebem e acolhem os imigrantes, tendo em vista que o sentido de 'acolher' nem sempre pode ser entendido de uma maneira positiva.

As memórias contadas podem agora ser acessadas por leitores diversos. Alguns em busca de uma história que possa levar a entender e questionar certos pontos sobre a situação de imigrantes, sobre o local em que estão, suas identidades e suas vidas. Em todos os casos os leitores acessarão as memórias ali contadas, sejam elas individuais ou coletivas conforme pontuado por Halbwachs. As individuais nunca são percebidas sozinhas e precisam de um outro para serem acessadas, esse outro é o coletivo, representado pelo grupo. Elas precisam ser guardadas em um suporte, a escrita do conto proporciona esse suporte. No percurso do texto são as histórias do narrador, da *aya*, do porteiro e de sua família que são exploradas e preservadas. Essas histórias fornecem as ideias de como foi viver em Londres do ponto de vista dos imigrantes em um certo momento de suas vidas.

Considerações finais

Tomando por base o estudo em questão, conclui-se que a preservação das memórias se faz necessária porque vive-se em um tempo presente de constantes mudanças. Essas que levam a crer em um possível apagamento daquilo que foi vivido, visto a atenção dada em excesso para as experiências presentes. Tendo isto em perspectiva, Halbwachs entende que a construção de memórias se dá também pelos fatos do presente, pois estamos vivendo nele e depreendemos atenção a ele. Porém, Nora afirma que se presta muito mais atenção no tempo presente e isso pode ocasionar um esfacelamento das memórias coletivas. Sobre esse enfoque, Rushdie se vale de um narrador para contar as suas memórias e fugir desse declínio diante de uma efemeridade do presente que resvala em suas identidades já fragmentadas pela sua história pessoal. Ele, então, busca escrever para preservar as memórias da sua família e salvaguardar os imigrantes vivendo em Londres. Para isso, ele reuniu suas lembranças e as narrou, perdurando um sentimento de se manter as tradições e aceitar as traduções de sua cultura, como citado por Hall.

O narrador tomou essa decisão após algumas hesitações, mas ao final, foi o protagonista de suas memórias. Retoma-se Ricauer quando ele lembra que, não é somente acolher o passado, mas sim fazer algo com ele. O estudioso ainda disse que o verbo 'lembrar' remete ao fato de que a memória é exercitada. Identifica-se essas posições no narrador, o que nos leva cada vez mais a percepção de que o conto pode ser experimentado como lugar de memória no sentido que ele se esforça e faz algo para que sua história permaneça registrada.

Por fim, este e outros escritos de Rushdie podem ser estudados como uma literatura que se cria lugares de memória. Pois são, na maioria das vezes, textos que buscam posições acerca de acontecimentos históricos, que evocam seus lugares e seus grupos, podendo servir como base para as questões de constituição identitária. As obras do autor se valem de uma narrativa que vai ao encontro das memórias individuais e coletivas de personagens fictícios, mas que mantém relações com acontecimentos históricos reais e, ainda resvalam em episódios da vida autor. Por exemplo, o narrador de *O Corteiro*, é um adolescente que foi para Londres, fato esse que também o escritor do conto experienciou.

As memórias são colocadas para Rushdie como forma de registrar e dar voz, não sendo um registro simplista e historiográfico. Os eventos transitam lugares e personagens mostrando suas contradições e enfrentamentos. Esse tipo de narrativa é interpretativa e busca os silêncios que por ventura a história por si só não daria conta. Por isso, tem-se o fazer literário em destaque com a sua forma inventiva que dá conta dos momentos enfrentados pelos personagens, não somente os expondo, mas os revelando. É apropriado retomar as palavras de Ramos, a estudiosa afirmou que o discurso literário pode trazer à tona não só leituras reais, mas o imaginável, o possível e o impossível da realidade. Dessa forma, a escrita de Rushdie não é totalitária, mas sim interpretativa, considerando outras culturas de forma a integrá-las nas reflexões. Logo, os lugares de memória vão sendo construídos em obras literárias que evocam o sujeito e suas identidades fragmentadas.

Referências

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais. 1990

HALBACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais. 1990

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*. Trad. SILVA. Pedro Henrique Ciucci. In: Revista Pandora Brasil – traduções, Abril. 2018

NONADA – JORNALISMO.TRAVESSIA. *Salman Rushdie e a função da literatura como memória*. Matéria por Rafael Glória para a cobertura do evento 'Fronteiras do Pensamento' em 2014. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2014/05/salman-rushdie-e-a-funcao-da-literatura-como-memoria/>> Acesso em: Dez. 2020.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, dez 1993. In: _____. *Les lieux de mémoire*. I La République, Paris, Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. *Memória e Literatura: contribuições para um estudo dialógico*. In: Linguagem em (Re)vista. Ano 06. N°s 11/12. Rio de Janeiro. 2006. p. 92-104.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RUSHDIE, Salman. *Os Filhos da Meia Noite*. Tradução Donaldson M. Garshagen. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. , S. *O corteiro*. In: Oriente, Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

_____. , S. *Os Versos Satânicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. , S. *Vergonha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

SAID, E.W. *Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomas Rosas Bueno - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

KLUG, Buchweitz Marlise. LIMA, Rosimeire Simões de. LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. *Literatura como lugar de memória: uma análise do romance Satolep, de Vitor Ramil*. In: Antares. Vol. 7. N° 13. RS. p.182-198

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Tradução: Amálio Pinheiro (parte 1); Jerusa Pirez Ferreira (parte 2) – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.